

**OS PROCESSOS FONOLÓGICOS
SUBJACENTES ÀS FORMAS DIVERGENTES DE ESCRITA
EM TEXTOS DE ALUNOS NA FASE DE ALFABETIZAÇÃO**

Leiliane Pereira da Silva (UESB)

dearlilinha@yahoo.com.br

Vera Pacheco (UESB)

RESUMO

O trabalho que aqui se apresenta é uma amostra de uma pesquisa que buscou identificar as formas divergentes de escrita nos textos de alunos na fase de alfabetização e analisá-los à luz da fonética e fonologia. Partindo desse princípio, teve-se a intenção de auxiliar os professores, de língua portuguesa, na compreensão dos processos fonológicos que forem identificados nos textos dos alunos, bem como na elaboração de atividades que ajudem o aluno a produzir textos de forma mais consciente, compreendendo o que de fato acontece na sua língua materna. Este estudo, inicialmente, teve como base teórica os trabalhos de Cagliari (1998 e 2004) que levaram a melhor compreensão do processo de alfabetização e a analisar algumas formas divergentes produzidas pelos alunos e que representam, na verdade, processos fonológicos. Esta pesquisa cujos objetivos foram: a) proporcionar aos professores conhecimentos acerca dos “erros” produzidos pelos alunos, oriundos dos processos fonológicos b) produzir material didático que trabalhem com essas formas divergentes; foi aplicada com dois grupos: teste e controle. A metodologia empregada foi de oficinas com professores, análise de textos produzidos por alunos nessa fase escolar, e atividades de leitura-escrita, produção de textos com alunos, atividades com embasamento fonético-fonológico. Os resultados obtidos no trabalho completo e apresentados neste artigo mostram a eficácia das atividades empreendidas com os alunos e professores e que, de fato, a proposta didática oferecida na pesquisa contribui para a diminuição da quantidade de “erros” nas atividades dos discentes, além de ser de fácil aplicabilidade para os professores.

Palavras chave: Processo fonológico. Fonética. Fonologia. Alunos. Professores.

1. Introdução

Os estudos acerca da linguagem sempre ocuparam lugar de destaque entre os pesquisadores desde a antiguidade. A leitura e escrita, dentre outros artifícios, são formas de expressão da linguagem humana e estão presentes desde muito tempo entre a humanidade. Constituem-se também como instrumentos de aprendizagem, meios de obter o conhecimento. A escrita foi utilizada desde os primórdios em que o homem pensava e sentia a necessidade de expressar seus pensamentos e sentimentos, daí então, descobriu-se uma forma de expor essas ideias. “Inicialmente por meio de desenhos, garatujas, pictogramas, ideogramas, até chegar ao atual sistema

alfabético, que é utilizado pela maioria das línguas escritas”. (CAGLIARI, 2003, p. 106)

Sabemos que a aquisição da linguagem escrita é constituída por processos que precisam ser trabalhados, estudados e bem compreendidos. Em se tratando disso, muitos professores de alfabetização veem-se preocupados e atribuindo ao aluno problemas de outras ordens, isso ocorre porque, muitas vezes, eles não compreendem o processo pelo qual o aluno está passando ao adquirir a escrita. Na visão de Cagliari (2004), esses professores precisam ter conhecimentos linguístico-fonológicos para perceber o que de fato está acontecendo com a aprendizagem do aluno. E o autor ainda questiona o ensino de fonética e fonologia na escola:

A fonética, em linhas gerais, preocupa-se com a descrição dos sons da fala, e a fonologia com o valor funcional que os sons têm na língua. A escola e as gramáticas ainda não chegaram a perceber a distinção entre fonética e fonologia. Por que não se ensina fonologia nas escolas? Certamente, na alfabetização não é oportuno ensinar-se tudo sobre Fonologia. O ensino precisa ser programado ao longo de todas as séries do 1º e do 2º grau. Mas há técnicas fonológicas que com certeza são de grande interesse para a professora de alfabetização, que, empregando-as, poderá realizar atividades que motivem o aluno, além de ensinar como certos fatos da língua funcionam, por exemplo, a noção de oposição, de variação, de sistema. (CAGLIARI, 2004, p. 87)

O estudo da fonética e da fonologia ajuda o professor a compreender os “erros” cometidos pelos alunos no processo de aquisição da escrita. Um exemplo simples e corrente dessa divergência é a troca das letras *f/v* que muitos professores não entendem o que de fato está acontecendo quando o aluno faz essa permuta. Mas, observa Cagliari (2004), que “uma professora de alfabetização, de posse de conhecimentos fonológicos poderá planejar atividades interessantíssimas para seus alunos, mostrando como de fato funciona a fala e a escrita. (CAGLIARI, 2004, p. 93)

Partindo desse pressuposto, o trabalho que aqui se apresenta pretendeu investigar, à luz da fonética e fonologia, os processos pelos quais o aluno passa ao adquirir a escrita, bem como auxiliar o professor a compreender as formas divergentes encontradas nas produções de textos dos alunos, que “passarão a receber uma explicação melhor de como a fala, a leitura, a escrita e a língua portuguesa funcionam”. (CAGLIARI, 2004, p. 187)

A hipótese que se teve é de que os alunos, em fase de alfabetização, apresentam alguns processos fonológicos na escrita, os quais são considerados, por muitos professores, como “erros” quando não atribuem

a problemas de outras ordens. Defendemos aqui, que atividades baseadas em pressupostos da fonética e fonologia, realizadas com os alunos, podem reduzir a quantidade de formas divergentes da escrita desses alunos.

Somos também de opinião que o professor deve ser instrumentalizado quanto às suas intervenções diante desses erros, pois a falta de intervenção diante deles ou a intervenção equivocada são, no nosso ponto de vistas, decorrentes do fato de os professores não terem conhecimento da natureza de tais “erros”, não conhecer os processos fonológicos da escrita e, muitas vezes, não saberem como proceder pedagogicamente em sala de aula com estes alunos.

Diante de tais situações, a pesquisa, em sua íntegra, apresenta uma proposta de trabalho que contempla esses dois personagens da alfabetização: o discente e o docente. Propomos atividades que focam cada erro especificamente a partir da compreensão dos processos fonológicos ali subjacentes; bem como propomos oficinas para os professores de forma a dar-lhe as diretrizes básicas, dentro da fonética e da fonologia, que o auxiliem na sua prática pedagógica a fazer intervenções.

2. O processo de alfabetização

2.1. Preceitos importantes sobre alfabetização

Desde muito tempo tem-se estudado sobre o fenômeno da escrita, sobre o caminho que ela percorreu até chegar à fase utilizada pela maioria das línguas escritas que é o sistema alfabético. O ato de escrever compreende transferir para o papel, ideias, pensamentos e sentimentos, mas, ao pensar em escrever, é preciso criar possibilidades no texto, para que aquilo que é escrito, seja também lido. Dessa forma “a escrita seja ela qual for, tem como objetivo a leitura. A leitura é uma interpretação da escrita que consiste em traduzir os signos escritos em fala” (CAGLIARI, 2004, p. 103). A leitura e a escrita, pois, se complementam e ambas favorecem a interpretação de algo, seja uma palavra, frase, número, símbolo. Para muitos estudiosos, nisso consiste o processo de alfabetização.

Os estudos mais recentes têm apontado a alfabetização como o processo pelo qual o indivíduo, lê, escreve, consegue interpretar e se desenvolver nas diversas práticas sociais. Tal conceito tem sido confundido, recentemente, pelo chamado letramento, que numa visão geral, consiste no fenômeno pelo qual o indivíduo utiliza-se do sistema de escrita, desenvolve-se em suas práticas sociais, lê rótulos, identifica placas, po-

rém, não sabe ler nem escrever, muitos sequer tiveram contato e oportunidade de lidar com materiais que favorecessem este processo.

Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. Soares (1998) explica que ao olharmos historicamente para as últimas décadas, poderemos observar que o termo alfabetização, sempre entendido de uma forma restrita como aprendizagem do sistema da escrita, foi ampliado. Já não basta aprender a ler e escrever, é necessário mais que isso para ir além da alfabetização funcional (denominação dada às pessoas que foram alfabetizadas, mas não sabem fazer uso da leitura e da escrita). O sentido ampliado da alfabetização, o letramento, de acordo com Magda, designa práticas de leitura e escrita. A entrada da pessoa no mundo da escrita se dá pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. Além disso, o aluno precisa saber fazer uso e envolver-se nas atividades de leitura e escrita. Ou seja, para entrar nesse universo do letramento, ele precisa apropriar-se do hábito de buscar um jornal para ler, de frequentar revistas, livrarias, e com esse convívio efetivo com a leitura, apropriar-se do sistema de escrita. Afinal, a professora defende que, para a adaptação adequada ao ato de ler e escrever, “é preciso compreender, inserir, avaliar, apreciar a escrita e a leitura”. O letramento compreende tanto a apropriação das técnicas para a alfabetização quanto esse aspecto de convívio e hábito de utilização da leitura e da escrita. Apropriação do sistema de escrita. Uma observação interessante apontada. Sem desconsiderar a importância do letramento para os sujeitos aprendizes da língua portuguesa, nos deteremos adiante a discutir sobre alfabetização, visto que é o conceito que mais nos interessa neste contexto.

Atendo-nos mais propriamente à alfabetização, podemos inferir que ela é essencial para a formação de leitores e produtores de textos orais e escritos e deve ocupar um lugar de destaque nas metas educacionais; isto porque é pré-requisito para a obtenção de muitos outros conhecimentos. Entretanto, a escola tem tido, cada vez mais, problemas com alunos que não foram bem alfabetizados, e essa “deficiência” o aluno leva até os últimos anos escolares. E muitos são os casos de alunos que tiveram “traumas” de alfabetização, seja na forma de ler, ou de escrever, os quais se perpetuam até o final de sua carreira acadêmica. Se a escola não interferir no processo, estará formando sujeitos apenas copistas e incapazes de produzir seu próprio texto, expor suas ideias com clareza e se posicionar diante dos fatos que lhes forem impostos.

O alfabetizador exerce, dessa maneira, um papel de fundamental importância nesse processo. Assim, pois, precisa conhecer todas as etapas pelas quais o aluno passa até ser alfabetizado e, também compreender as divergências que poderão ocorrer, nesse processo, analisando-as de forma coerente, possibilitando ao aluno o contato com a leitura e escrita de forma prazerosa.

Tem-se a seguir um levantamento bibliográfico de alguns preceitos sobre alfabetização.

2.2. 2.2. Breve histórico da alfabetização

A alfabetização é tão antiga quanto a escrita, pois quem inventou um sistema escrito precisaria ao mesmo tempo inventar regras para a decifração deste sistema e, pois só assim, ele seria válido. Se analisarmos a história da alfabetização, poderemos inferir que o tempo e os estudos tiveram grande relevância para o avanço do processo de alfabetização, que, na antiguidade, resumia-se apenas ao processo de leitura daquilo que era escrito. Ao contrário do que muitos pensavam, “a escrita nunca foi um segredo de estado” (CAGLIARI, 1998, p. 13), já que não era um privilégio de poucos, do contrário, não teria sobrevivido, afinal, qualquer sistema, precisa da aprovação e, principalmente, de uso para que se torne uma convenção.

Para Cagliari (1998, p. 14),

Na época primitiva, ser alfabetizado significava saber ler o que aqueles símbolos significavam e ser capaz de escrevê-los, repetindo um modelo mais ou menos padronizado, mesmo porque o que se escrevia era apenas um tipo de documento ou texto. Dessa forma, a alfabetização não era uma tarefa da escola, mas dava-se com uma transmissão de conhecimentos relativos à escrita daqueles que a possuía. Com o passar do tempo, foram surgindo outras formas gráficas, após o princípio acrofônico, em que se descobriu e se convencionou que o som inicial do nome das letras seria o som que ela representava, surgiram muitas outras ideias, outras formas que representavam a mesma letra, aliado a isso, houve também um crescente número de leitores, daí então viu-se a necessidade e uma preocupação maior em alfabetizar as pessoas. Desse anseio surgem as cartilhas: Com o Renascimento (séculos XV e XVI) e, sobretudo, com o uso da imprensa na Europa, a preocupação com os leitores aumentou, uma vez que agora se faziam livros para um público maior, e a leitura de obras famosas deixou de ser coletiva para se tornar cada vez mais individual. Por isso a preocupação com a alfabetização passou a ter uma importância muito grande. A primeira consequência disso foi o aparecimento das primeiras cartilhas. Nessa época surgem as primeiras gramáticas das línguas neolatinas, e esse foi outro motivo que levou os gramáticos a se dedicarem também à alfab-

tização: era preciso estabelecer uma ortografia e ensinar o povo a escrever nas línguas vernáculas, deixando de lado cada vez mais o latim. (CAGLIARI, 1998, p. 19)

Foram várias as cartilhas utilizadas para alfabetizarem os alunos, a primeira cartilha da língua portuguesa foi a de João e Barros (1496-1571), publicada no ano de 1540. As cartilhas contribuíram para ajudar o professor em sala de aula, contudo, não contribuíam significativamente para o processo de alfabetização, pois os professores apenas faziam as lições com os alunos e repetiam os exercícios inúmeras vezes até o aluno aprender, o que nem sempre acontecia, pois se observou, por muito tempo, que cinquenta por cento dos alunos eram reprovados. Diante desse problema, começou-se a pensar que era preciso, também, investir no professor, na sua preparação para trabalhar com a cartilha, e, assim, surgiram os manuais que ensinavam a como dar a lição ao aluno. Todavia, o uso da cartilha, nas palavras de Cagliari (1998), foi desastroso, então, a escola foi buscar ajuda nas universidades.

Uma das contribuições que a academia forneceu ao estudo da alfabetização foi a descoberta do período preparatório, pelo qual a criança passava até chegar ao processo de alfabetização, que serviria para amenizar a carência que, segundo os estudiosos da época, a criança passava e a dificultava de se alfabetizar. Juntamente a isso, surgiram também, os métodos educacionais, os quais não tiveram tanto sucesso. Contudo, na atualidade, ainda existem alfabetizadores que utilizam estes métodos, mas há, também, aqueles que os mesclam e encontram, assim, a melhor forma de alfabetizar o aluno.

Muitas dessas ideias, adotadas pelos antigos, ajudam o professor a encontrar a maneira mais apropriada de desenvolver o seu trabalho; contudo o professor é a peça de fundamental importância nesse processo, aquele que busca conhecimentos, que questiona e que analisa o seu trabalho, garante uma melhor aprendizagem ao aluno. Na visão de Cagliari (1998):

A competência técnica do professor alfabetizador se apoia em sólidos e profundos conhecimentos de linguística e dos sistemas de escrita (de matemática e de ciências inclusive...). Esses conhecimentos, aliados aos de pedagogia e psicologia, fazem dele um profissional que sabe exatamente o que faz e por que faz de um jeito e não de outro. Se formássemos de maneira correta nossos professores alfabetizadores, teríamos, neste país, em pouco tempo uma outra realidade em termos de analfabetismo. Hoje, não só existem milhões de pessoas analfabetas, como também pessoas que foram, de fato, mal alfabetizadas. Nenhum método educacional garante bons resultados sempre e em qualquer lugar; isso só se obtém com a competência do professor. (CAGLIARI, 1998,

Dessa forma, cabe ao professor qualificar-se cada vez mais, buscar novas aprendizagens para auxiliar o seu aluno.

2.3. Considerações sobre alfabetização

A alfabetização consiste num processo importantíssimo para o desenvolvimento escolar do indivíduo. Muitos teóricos têm discutido como se dá este processo. Neste sentido, vale ressaltar os trabalhos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1985) em que apresentam dois métodos de se trabalhar com alfabetização, o método analítico e o método sintético, que descreveremos a seguir.

O método sintético preserva a correspondência entre o oral e o escrito, entre som e a grafia. O que se destaca neste método é o processo que consiste em partir das partes para o todo, sendo as letras os elementos mínimos da escrita. O método analítico insiste no reconhecimento global das palavras ou orações; a análise dos componentes se faz posteriormente. (FERREIRO & TEBEROSKY, p. 19, *apud* DUARTE & ROSSI, 2008)

Nos conceitos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky acerca da alfabetização são considerados, também, aspectos da psicologia e da teoria piagetiana. Assim, nesse método, a criança não deve ser observada como um ser apenas receptor de conhecimentos, passivo, ela é, antes de tudo, segundo as autoras, um ser ativo. Elas, assim como Cagliari (1998) reiteram que as dificuldades e fracassos nas séries iniciais na aprendizagem da leitura e escrita constituem um problema que nenhum método conseguiu solucionar. Embora, Ferreiro (1985) apresente os métodos supracitados, ela não indica nenhum método para ser seguido pelos professores para alfabetizar, mas revela os processos de aprendizagem das crianças e fala também das hipóteses as quais as crianças utilizam para construir o seu conhecimento. O professor, pois, precisa estar atento a esse conhecimento do aluno para compreender também, o que está por trás dos “erros”, nesse caso, específico, na escrita.

Lemle (1999), por sua vez, aponta algumas capacidades necessárias para que a criança aprenda a ler e a escrever. A primeira seria compreender o que são aqueles “risquinhos” pretos no papel e para isso, ela precisa compreender o que é um símbolo, e sua relação com os sons da fala. A segunda capacidade é a de enxergar as distinções entre as letras, a

fim de que deixem de ser meros “risquinhos” pretos na página branca. A terceira é a capacidade de ouvir e ter consciência dos sons da fala, com suas distinções relevantes na língua. A próxima seria a capacidade de reconhecer o conceito de palavra. E, por último, ela fala do problema do alfabetizando em reconhecer sentenças. Mas, segundo a autora, essa necessidade não precisa ser colocada logo no início, pois o aluno toma consciência do funcionamento das sentenças no decorrer de suas leituras.

Diante do exposto acerca da alfabetização, propõe-se utilizar, aqui, o conceito de que a alfabetização é uma atividade libertadora, não é somente a decodificação do código escrito, mas alfabetizar-se compreende também entender o seu papel como ser social. E para alfabetizar-se é preciso, antes, conhecer o sistema gráfico e funcional das letras. Uma boa teoria aliada à prática de exercícios espontâneos, análise de erros, ditado, cópia, produção textual, leitura, dentre outras atividades, contribuem para uma alfabetização de sucesso. Tais preceitos são defendidos por Cagliari (1998).

3. Alfabetização e a fonética/ fonologia

A fonética e a fonologia são campos do saber, em que se estudam as unidades menores da língua. Estas unidades constituem a fala das pessoas, algumas dessas unidades possuem implicações para a comunicação e outras não. Neste sentido, é preciso detalhar cada uma dessas especificidades.

Segundo Hora (2009) os estudos fonéticos e fonológicos têm sua origem em momentos distintos:

Os estudos fonéticos foram preocupação dos estudiosos da língua muito antes do século XX; já a Fonologia tem sua origem com os estudos do Círculo de Praga, no início do século XX, por isso que muitos trabalhos realizados no início daquele século não têm limites definidos. (HORA, 2009, p. 2)

A fonologia se preocupa com os sons que são importantes para a língua, enquanto sistema, sua unidade investigativa é o fonema. Por outro lado, a fonética estuda os sons que são produzidos na fala, não importando a sua representação para o sistema fonotático, assim sendo, o que é importante para este campo são os chamados fones.

A fonética, encarregada de estudar a realização dos sons, divide-se em três partes:

Fonética acústica, que estuda as propriedades físicas do som, como os sons da fala chegam ao aparelho auditivo:

Quando realizamos qualquer som, a sua propagação se dá através de ondas sonoras, até chegar ao ouvido do interlocutor. A análise desse som e sua propagação, realizada com o auxílio de programas computacionais específicos, permite avaliar sua altura, sua intensidade etc. (OLIVEIRA, 2009, p. 3)

A fonética auditiva que se centra nos estudos da percepção dos sons pelo aparelho auditivo. É sabido que cada som é percebido de uma forma diferente do outro, neste sentido, este outro campo estuda estas particularidades.

Fonética articulatória, por sua vez, estuda os sons do ponto de vista fisiológico, faz a descrição e a classificação dos sons; apresenta o modo como cada som é produzido, bem como o ponto, ou local onde isso se dá, daí então se têm sua classificação. Por exemplo, a consoante [b] que é produzida com uma obstrução significativa nos lábios é classificada como oclusiva ou plosiva (por seu modo de produção) e bilabial (por essa obstrução ter ocorrência nos lábios).

Quanto aos órgãos responsáveis pela produção dos sons, não se tem aqueles que são, primariamente, específicos para tal artifício. A produção dos sons, pois, acontece no aparelho fonador e utilizam-se órgãos que são responsáveis por outras funções, como por exemplo, os pulmões que são responsáveis pela respiração.

3.1. A importância dessas ciências para compreender o processo de alfabetização

A fonética e a fonologia trazem grande legado quanto à compreensão dos sons que produzimos e da forma como a língua os organiza. Na alfabetização, a criança diante dos sons de sua língua materna, tenta representá-los por meio de símbolos gráficos, que são as letras e, muitas vezes, querem atribuir a uma letra a representação de um som, numa combinação unívoca, ou seja, para cada som, uma letra correspondente. No decorrer da aquisição da escrita, contudo, o aluno vai percebendo que, na verdade, na escrita não existe essa representação e, em muitos casos, uma única letra representa vários sons, como por exemplo, o grafema x que pode representar os sons de /z/, /s/ e /ʃ/. O estudo dessas ciências nos faz compreender como isso ocorre e em quais situações. Ademais, os professores precisam compreender como nossa língua funciona,

como falamos, como nos entendemos, entre outros conceitos que essas ciências nos proporcionam entender. Neste sentido, Hora (2009) reitera a afirmação acima:

No ensino da língua materna, se é que isto seja possível, os professores precisam entender como se dá o processo de aquisição dos sons. É importante saber, por exemplo, que os sons são adquiridos ao mesmo tempo, que existe uma idade para que determinados processos não aceitáveis na norma sejam descartados e assim por diante. (HORA, 2009, p. 15)

O conhecimento dos campos descritos nos faz compreender e explicar para os alunos que não existem falares corretos ou errados, são apenas variações que existem e que o Sistema permite que aconteça.

Na aquisição da escrita, é o momento em que o aluno está se apropriando desse sistema que tenta representar os sons do nosso sistema fonológico, e, neste sentido, o indivíduo, ao tentar utilizar esse sistema escreve muitas formas divergentes daquelas apregoadas pelas normas e padrões gramaticais, além de apresentarem muitos processos fonológicos que a fonologia e a fonética conseguem explicar. Desse modo, é de suma importância que o professor alfabetizador tenha esse conhecimento para poder auxiliar o seu aluno na resolução de problemas que venha a ter na sua alfabetização.

Fonética e fonologia são disciplinas que integram a grade curricular do curso de letras (licenciatura). E, como exposto, elas contribuem bastante para o entendimento de várias ocorrências na leitura e escrita de alunos em fase de alfabetização, entre elas, as formas divergentes que as crianças produzem quando da aquisição da escrita. No entanto, nem sempre o profissional que conclui seu curso de letras terá oportunidade de lecionar em série iniciais do ensino fundamental, estas vagas geralmente são preenchidas por alunos que fazem o curso de pedagogia, que a rigor, há, nos currículos apenas disciplina optativa. Com isso o professor fica à margem dos conceitos importantes sobre fonética e fonologia, os quais fazem grande diferença em sua prática pedagógica. Resta, pois, uma sugestão aos demais cursos de licenciatura, especificamente pedagogia, quanto ao oferecimento das disciplinas mencionadas, para enriquecer o conhecimento e as discussões dos profissionais educadores, no caso, alfabetizadores. Ademais, é importante que o professor de alfabetização busque o conhecimento dessas ciências, pois elas são essenciais em sua prática pedagógica, auxiliando-o na compreensão das produções textuais, leitura e aprendizagem de seus alunos.

4. Os processos fonológicos na alfabetização

O fato de o aluno escrever formas divergentes daquelas adotadas pela ortografia padrão, que a escola ensina e que se convencionou, tem sido uma grande preocupação de professores alfabetizadores. Por vezes, alguns deles, diante de tais circunstâncias, chegam a atribuir aos “erros” cometidos pelos alunos, problemas de outras ordens, mentais, intelectuais ou fisiológicas. Mas, nos exemplos a seguir, veremos que o aluno, ao contato com uma escrita espontânea, que é muito importante nessa fase, apropria-se das próprias regras do sistema para escrever, e não realiza construções que não são permitidas na nossa gramática. Isso acontece porque ele é falante do português e utiliza as regras gramaticais também na fala.

- Transcrição fonética motivada pela fonologia

Dici (disse) / arvori (árvore) / di (de)

Patu (pato) / gatu (gato) / bolu (bolo)

- Harmonia vocálica

Mininu (menino) / *curuja* (coruja) / *pirigu* (perigo)

- A hipercorreção

jogol com [l] no final / *Escrevel* (escreveu)

- Permuta de letras

prilhate (brilhante) / *doda* (toda)

- Metátese

Esqerveu (escreveu)

Curpersa (surpresa)

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

- Troca de letras sem motivação fonológica (troca de morfema, marca de passado, por morfema, marca de infinitivo)

buscor (buscou) / *acordor* (acordou) / *ficor* (ficou)

- Hipossegmentação

papainoel – (papai noel) / *carocadopanoeu* – (carroça do papai noel);

pofavor – (por favor) / *eclaro* – (é claro) / *oque* – (oque);

- Hipersegmentação.

a dorava– (adorava) / *a cordou* – (acordou) / *a gradeceu*– (agradeceu) /

e screveu- (escreveu);

Assim sendo, pode-se inferir que o aluno comete mais acertos do que, propriamente, “erros”. Todas as construções expostas são possíveis para o nosso sistema de escrita, fazem parte da aprendizagem e não são dificuldades insuperáveis ou falta de capacidade das crianças. É essencial que a criança faça bastante produção de texto espontânea, pois “é nesse tipo de material que vamos encontrar os elementos que mostram as reais dificuldades e facilidades dos alunos no aprendizado da escrita”. (CAGLIARI, 1998, p. 146)

5. Metodologia

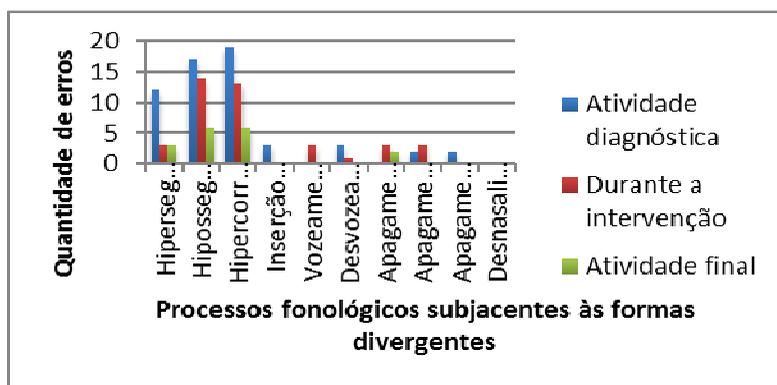
Após análise e interpretação das formas divergentes encontradas nas atividades de escrita de alunos do 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Solón Gumes, foram propostas atividades a serem realizadas por alguns destes alunos. Essas atividades foram planejadas com objetivo de atenuarem a ocorrência dessas formas divergentes nos textos dos alunos em fase de alfabetização.

Além do trabalho com os alunos, realizamos junto com os professores de alfabetização duas oficinas para trabalhar com noções básicas de fonética e fonologia. Tomamos essa iniciativa por entendermos que esses

profissionais exercem papel fundamental nesse processo e que com frequência se deparam com as circunstâncias em que os alunos cometem erros e diante de tal situação não sabem como atuar junto aos alunos, isso porque, na grande maioria das vezes eles não compreendem a natureza desse erro.

6. Discussão dos resultados

Para mostrar os resultados dos dados tabulados, para o grupo teste, segue gráfico que contrasta a quantidade de “erros” encontrados na atividade diagnóstica, na intervenção e na atividade final:



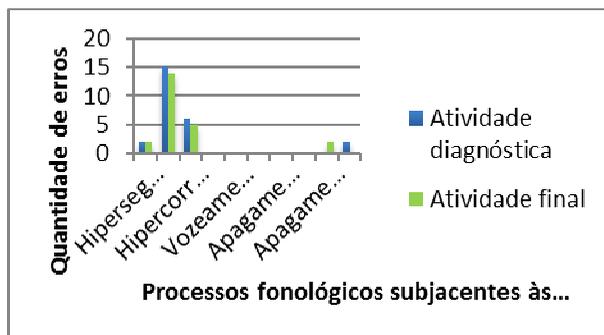
Quantidade de erros computados para o grupo teste na atividade diagnóstica, de intervenção e final

Neste gráfico, temos uma visão dos resultados das três atividades analisadas anteriormente, e percebemos uma notória queda na quantidade de erros dos alunos da atividade inicial em relação à atividade final, evidenciando uma melhora na capacidade de escrita, no que se refere ao uso da ortografia oficial. Estes discentes tiveram um bom desempenho na realização das atividades. Assim sendo, as atividades de intervenção foram significativas para a melhoria da aprendizagem deles no que se refere a queda de ocorrência de formas divergentes.

Como visto, no gráfico acima, a partir do processo fonológico de Inserção de vogal, visualizamos uma relevante redução na quantidade de “erros” apresentados pelos alunos. Isso quer dizer que, na atividade inicial e nas intervenções didáticas, os alunos do grupo teste realizaram uma

quantidade considerável de formas divergentes oriundas dos processos supracitados. Mas, na sondagem final, os sujeitos não realizaram nenhum tipo de “erro”, dos já mencionados.

E, para avaliar a performance dos alunos do grupo controle na atividade diagnóstica e na atividade final, podemos observar, agora, os resultados mostrados no gráfico que segue:



Quantidade de erros computados para o grupo controle na atividade diagnóstica e na atividade final

Comparando a performance dos discentes do grupo controle, que acabamos de apresentar, com a do grupo teste, apresentada na seção anterior; verificamos que é evidente que o grupo controle apresenta melhor desempenho do que o grupo teste, tanto na atividade diagnóstica, quanto na atividade final. Ao avaliarmos, contudo, o avanço obtido pelo grupo teste, verificamos que esse grupo foi bem mais sucedido do que o controle. Essa avaliação pode ser observada a partir dos dados apresentados na tabela.

PF	GRUPO TESTE			GRUPO CONTROLE		
	AD (quantidade de erro)	AF (quantidade de erro)	D%	AD (quantidade de erro)	AF (quantidade de erro)	D %
HIPER	12	2	83,3	2	2	-
HIPO	16	14	12,5	15	15	-
HIPC	19	6	68,4	6	6	-
IV	3	0	100	0	0	0
DV	3	0	100	0	0	0
AMI	2	1	50	0	0	0
AMP	2	0	100	0	2	-100
DN	0	0	0	2	0	100

**Resultados dos alunos do grupo teste e controle
quanto ao desempenho nas atividades diagnóstica e final**

Onde: PF = processos fonológicos; AD = atividade diagnóstica; AF = atividade final; D = desempenho; HIPER = hipersegmentação; HIPO = hipossegmentação; HIPC = hipercorreção; IV = inserção de vogal; DV = desvozeamento; AMI = apagamento de morfema de infinitivo; AMP = apagamento de morfema de passado; DN = desnalização.

7. Conclusão

E, ao término do trabalho empreendido, compreendemos que as atividades foram eficazes na diminuição da realização das formas divergentes dos alunos do grupo teste. Neste sentido, podemos concluir que a realização das atividades de intervenção foi importante para o bom desempenho dos alunos. E que a proposta de intervenção é eficaz.

Partindo do pressuposto de que tanto as atividades de intervenção quanto as oficinas com os professores foram bastante proveitosas e alcançaram os objetivos esperados, podemos inferir que a hipótese apresentada, inicialmente, na introdução deste trabalho, foi validada, uma vez que os professores, durante as oficinas, demonstraram que não tinham conhecimento do assunto tratado e de como proceder com os alunos diante de um erro referente aos processos fonológicos.

A outra hipótese de que os alunos cometiam erros oriundos dos processos fonológicos e que os professores não compreendiam o que de fato acontecia, também foi comprovada por meio da participação, interesse, desenvolvimento nas oficinas e nos comentários na avaliação escrita e pós-avaliação.

Em suma, o trabalho, e os resultados obtidos com a pesquisa- ação foram bastante satisfatórios e obtiveram o êxito esperado.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- CAGLIARI, Luiz Carlos. História da alfabetização. In: _____. *Alfabetização sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Scipione, 1998, p. 11-34 e 35-60.
- _____. Panorama do processo de Alfabetização. In: _____. *Alfabetização sem o bá-bé-bi-bó-bu*. São Paulo: Scipione, 1998, p. 103-118.

_____. *Alfabetização e linguística*. 10. ed., 11. reimpr. São Paulo: Scipione, 2004, p. 15-50 e 95-137.

_____. Processos fonológicos. In: _____. *Análise fonológica*. Introdução à teoria e a prática, com especial destaque para o modelo fonêmico. Campinas: Mercado de Letras, 2002, p. 99-115.

DUARTE, Karina; ROSSI, Karla. O processo de alfabetização da criança segundo Emília Ferreiro. *Revista Científica Eletrônica de Pedagogia*, ano VI, n. 11, p. 4-8, jan. 2008.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *A psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985, p. 284-285.

GOULART, Cecília. Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico-metodológica de um estudo. *Revista Brasileira de Educação*, vol. 11, n. 33, p. 450-458, set./dez.2006.

HORA, D. da. *Fonética e fonologia*. UFPB, 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/ecYlc>>. Acesso em: 10-06-2013.

LEMLE, Míriam. *Guia teórico do alfabetizador*. 14. ed. São Paulo: Ática, 1999.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.